



A CRÍTICA BERGSONIANA AO MÉTODO FILOSÓFICO TRADICIONAL – REPERCUSSÕES EPISTEMOLÓGICAS, ÉTICAS E EDUCACIONAIS.

Tarcísio Jorge Santos Pinto¹

RESUMO:

Este texto aborda a concepção de método da intuição elaborada por Henri Bergson de modo a poder delinear mais claramente o seu significado no conjunto de sua filosofia e ao mesmo tempo destacar como tal concepção se posiciona diante da concepção de método da ciência e da filosofia tradicionais. Paralelamente, o texto busca mostrar como, para Bergson, a intuição, por converter-se num método filosófico rigoroso, pode nos *ensinar* a conhecer mais profundamente a realidade da vida, proporcionando, em consequência disso, um maior equilíbrio da atividade intelectual do homem, capaz de possibilitar sua elevação moral. Por fim, aponta como estas concepções metodológicas, epistemológicas e éticas de Bergson se relacionam também a algumas de suas reflexões em torno da educação.

Palavras-chave: método filosófico, intuição, duração, ética, educação

ABSTRACT:

This paper discusses the design method of intuition developed by Henri Bergson in order to more clearly delineate its meaning throughout his philosophy while highlighting how such a concept stands in front of the traditional conception of scientific method and philosophy. In parallel, it seeks to show how, for Bergson, intuition, by becoming a rigorous philosophical method, can teach us to understand more deeply the reality of life, providing, in consequence, a more balanced intellectual activity of man, able to allow their moral elevation. Finally, it indicates how these methodological, epistemological and ethical conceptions of Bergson relate to some of his reflections on education in general..

Keywords: philosophical method, intuition, experience, metaphysics, ethics, education

¹Doutor em Filosofia – USP. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (email: tarcisio.pinto@ufjf.edu.br)



Acompanhando no decorrer da obra de Bergson sua concepção de intuição enquanto vinculada à sua concepção de duração, vemos que ao final de *L'Évolution Créatrice* a intuição aparece *por direito* como o verdadeiro meio de conhecimento da realidade concreta. Em outras palavras a intuição apresenta-se como o meio *por excelência* de conhecimento da duração. A partir desta constatação devemos lembrar ainda uma vez que Bergson toma a intuição não como um simples meio de conhecimento, mas acaba concebendo-a mesmo como método filosófico, o qual tem regras estritas que o determinam de forma própria e o distinguem do método filosófico tradicional tal como ele o compreende. Apesar de já encontrarmos delineados, poderíamos dizer, *indiretamente*, alguns aspectos fundamentais deste método bergsoniano desde o *Essai sur les donnés immédiates de la conscience*, na medida em que este método desde o princípio se associa à reflexão da realidade como duração², vemos que Bergson só pensa especificamente sobre a questão do método em geral ao longo do capítulo quatro de *L'Évolution Créatrice* e nos escritos reunidos em *La Pensée et le Mouvant*.

Ao longo do capítulo quatro de *L'Évolution Créatrice*, Bergson (1991, pp. 725 e ss.) realiza um *sobrevôo* pela história da filosofia refletindo criticamente sobre os aspectos fundamentais dos principais sistemas e sobre o método filosófico tradicional. Aí ele escreve que os sistemas filosóficos se equivocam por promover um conhecimento fundamentado em um método que acaba reproduzindo a tendência natural à faculdade da inteligência de não representar realmente a realidade da vida, que é duração, e a partir desta sua análise crítica contrapõe sua própria concepção de filosofia e de método. Bergson assinala que desde Platão desenvolve-se uma linha de pensamento que perdura ao longo da história da filosofia – passando por filósofos como Aristóteles, Galileu, Descartes, Espinosa, Leibniz, Newton, Kant, entre outros, chegando até Spencer – e que valoriza apenas o conhecimento do “estável”, do “imutável”, do “imóvel”. Tais filósofos fazem isto porque, por princípio, consideram como *menor* tudo o que tenha a ver com o movimento real, uma vez que é este movimento que não permite à razão apreender totalmente e de forma eterna os objetos³. Bergson observa que quando se leva em conta o movimento real sempre algo acaba

² Cf. DELEUZE (1999, pp. 7 e 8).

³ É neste sentido que Franklin Leopoldo e Silva (1994, p. 36) ressalta: “o ‘erro’ de Spencer não é acidental, é constitutivo do movimento de especulação que se guia pelo paradigma da verdade matemática, ou seja, constitutivo da metafísica que consubstancia na Idéia o devir real. O erro de Spencer ilustra apenas um movimento que tem sua origem na instauração platônica da metafísica.”

escapando da apreensão exata, alguma mudança sempre acontece e a renovação sempre é *trazida à cena*. Ao mesmo tempo a realidade do movimento é vista como incontestável tanto pela ciência quanto pela filosofia e ambas, desde a antiguidade, acabam estudando-o de forma pormenorizada. No entanto, salienta Bergson, fazem-no buscando encontrar, no movimento e no devir, o estável que julgam poder vislumbrar por trás das aparências. Tal procedimento, segundo ele, perdura inclusive na filosofia moderna, onde há a influência de uma ciência experimental que tem justamente por fundamento o estudo do movimento. E isto acontece porque este movimento considerado pela ciência moderna mecanicista não corresponde àquele que realmente forma a substância das coisas na natureza; corresponde sim a sistemas fechados recortados junto a ela, onde vigora uma noção artificial de tempo, cunhada a partir das matemáticas, que se compõe de momentos instantâneos que não duram – noção de tempo que, como vimos, Bergson já afirma desde o *Essai* (BERGSON, 1991, pp. 1 e ss.) não ser mais do que a noção de espaço considerada por um outro viés.

De acordo com Bergson, apesar de não se construir a partir da duração ou tempo real, a ciência consegue mostrar na prática que suas teorias são válidas, muito eficazes e úteis para o homem. Isto acontece basicamente porque a ciência atua sobre sistemas materiais recortados junto ao devir concreto e a matéria presta-se a ser tomada de maneira isolada pela inteligência, que se constitui em associação íntima a ela, introjetando suas características e construindo uma forma de conhecer a ela adequada. Na verdade, segundo Bergson, tanto a ciência quanto a filosofia quando se dedicaram ao estudo do movimento na natureza sempre buscaram encontrar por trás dele leis universais e eternas; desvalorizaram sempre o durável, o movente, o mutável. Contudo, conforme defende, é sobre esses princípios que se constitui a natureza. E nada há de menor nisso. Pelo contrário, são esses princípios constituintes que fazem da natureza o lugar da pluralidade, da liberdade e da criação. Mas, ciência e filosofia persistiram em dar pouca importância ao movimento real. Fizeram isto para atender às características da forma de conhecer da inteligência. No entanto, ressalta Bergson, essas características foram formadas para o conhecimento prático da matéria e adequadas às necessidades de ação. Isto para ciência não traz maiores problemas, uma vez que ela visa, antes de mais nada, conhecer para instrumentalizar a ação eficaz do homem. Mas no que diz respeito à filosofia, que se propõe a ser um saber puramente especulativo da verdade das coisas e que não tem de antemão nenhum compromisso prático imediato, a persistência neste método calcado na inteligência, leva-a a

afastar-se da realidade tal como ela é realmente enquanto movimento de duração. Para Bergson (1991, pp. 753, 754 e 755), portanto, o erro da filosofia consistiu desde Platão em reproduzir no campo da especulação o que ele denomina de *mecanismo cinematográfico do pensamento*. Tal denominação é cunhada justamente para representar a forma natural da inteligência humana conhecer decompondo o movimento concreto e durável que ocorre na natureza em momentos isolados que não duram, para recompor depois esse movimento, que deixa agora de ser o natural, por meio da união dos momentos instantâneos. A partir dessa forma de representação o homem estrutura, pois, segundo Bergson, sua inteligência e seus sentidos e com base nisso organiza a linguagem, a ciência e até a filosofia, juntamente com o método filosófico.

Encontra-se, assim, na crítica que Bergson promove ao movimento especulativo que se inicia com “a instauração platônica da metafísica” e que busca dar o fundamento teórico necessário à tendência da inteligência de “paralisar o devir”, o cerne do seu posicionamento crítico diante da tradição filosófica e diante da concepção de método perpetuada por esta tradição. A partir deste posicionamento fundamental se desdobra a análise crítica que Bergson promove de alguns aspectos específicos do método filosófico e da metafísica tradicionais, contrapondo sua própria concepção de método e de metafísica. Em *Introdução à Metafísica* (BERGSON, 1984, pp. 14 e ss.) ele defende justamente que o filosofar tradicional perpetuou o método de análise que consiste em isolar, junto à realidade movente e durável, “estados” e “coisas” representados por intermédio de conceitos “pré-fabricados” que recompõem o devir de forma simbólica e, por assim dizer, externa. Através deste método os seres não são representados realmente como são, uma vez que não se consegue penetrar na duração real que os compõe e não se atinge, assim, o que neles há de realmente essencial e absoluto. Na verdade, conforme assinala Bergson, o procedimento analítico os representa a partir dos aspectos que são considerados simbolicamente como comuns entre eles, de modo que a análise não é senão uma “tradução” que multiplica os pontos de vista exteriores sobre os seres, representando-os de forma sempre imperfeita. Ele nota que este é o procedimento utilizado habitualmente, com finalidade prática, por nós em nossa vida social e pela ciência, e que a filosofia (metafísica) perpetua erroneamente. Faz-se necessário, então, segundo Bergson, a construção de uma outra metafísica que, apoiada no método da intuição, torna-se capaz de “dispensar os símbolos” e inserir-se na verdadeira da duração das coisas, “coincidindo” e “simpatizando” com aquilo que cada uma traz de único.

Para tanto é necessário ir contra a tendência simbólica natural da nossa inteligência que a ciência e a filosofia tradicional reproduzem.

É, pois, natural, legítimo, que procedamos por justaposições e dosagem de conceitos na vida corrente: nenhuma dificuldade filosófica nascerá daí, pois, por convenção tácita, nós nos absteremos de filosofar. Mas transportar este *modus operandi* para a filosofia, ir, também aqui, dos conceitos à coisa, utilizar, para o conhecimento desinteressado de um objeto que pretendemos desta vez atingir em si mesmo, uma maneira de conhecer que se inspira num interesse determinado e que consiste, por definição, em um ponto de vista acerca do objeto, tomado exteriormente, é dar as costas ao objetivo visado, é condenar a filosofia a um eterno conflito entre as escolas, é instalar a contradição no próprio coração do objeto e do método. Ou não há filosofia possível e todo o conhecimento das coisas é um conhecimento prático orientado pelas vantagens que podemos tirar delas, ou filosofar consiste em se colocar no próprio objeto por um esforço de intuição (BERGSON, 1984, pp. 24 e 25; ver também p. 28).

A filosofia bergsoniana critica a tendência filosófica que a partir da experiência de objetos particulares procura chegar, através da razão (inteligência), a um conceito universal que passa a representar esses objetos de forma geral. Também critica a tendência de pensamento que *a priori*, pela razão, define previamente alguns conceitos a partir dos quais a realidade múltipla é explicada (BERGSON, 1984, pp. 17 a 22). Conforme ressalta Bergson, a metafísica deve justamente constituir-se pelo esforço de afastar o pensamento dos universalismos abstratos e simbólicos para o inserir, através da intuição, *no imediato* da realidade movente e concreta da duração viva das coisas. Só aí cada ser é experimentado e pensado em si mesmo, preservando o que há de próprio e singular em cada um. O método filosófico deve, portanto, promover para cada objeto de conhecimento uma experiência individualizada, intuitiva, que se coloca no próprio objeto e não busca analisá-lo em função de algo já dado. Por isto Bergson defende como necessário a renovação incessante da experiência, à qual se associam intuições também renovadas: só assim a metafísica pode realmente fundamentar conhecimentos verdadeiros. Sobre a vinculação necessária entre metafísica e experiência, ele escreve:

Como seria mais instrutiva uma metafísica verdadeiramente intuitiva que seguisse todas as ondulações do real! Ela não mais abarcaria de uma só vez a totalidade das coisas, mas de cada uma ela daria uma explicação que se adaptaria exatamente, exclusivamente a ela. Não começaria por definir ou descrever a unidade sistemática do mundo: quem sabe se o mundo é

efetivamente uno? Somente a experiência poderá dizê-lo (grifo nosso), e a unidade, se ela existe, aparecerá ao termo da pesquisa como resultado; impossível colocá-lo no início como um princípio” (BERGSON, 1984, pp. 113 e 114). Ao mesmo tempo Bergson crítica veementemente a tradição filosófica que no processo de conhecimento sempre admite algo dado pela razão como princípio, antes de qualquer experiência. “Quem quer que se tenha afastado das palavras para ir em direção às coisas, para reencontrar suas articulações naturais, para aprofundar experimentalmente (grifo nosso) um problema, bem sabe que o espírito marcha, então, de surpresa em surpresa (...) Entre a realidade concreta e a que teríamos reconstituído a priori, que distância! (BERGSON, 1984, p.147).

Conforme Bergson (1984, p. 55 e ss.) defende, se o objeto maior da filosofia deve ser então justamente o de aproximar-se da realidade da vida através da experiência, para tanto é realmente na intuição que ela deve se fundamentar. Segundo ele, inclusive, a intuição sempre foi o ponto de partida da filosofia e da ciência e era na intuição, efetivada a partir da experiência, que ciência e filosofia se comunicavam. Todavia depois que intuía algo do vital na realidade movente, tanto os grandes filósofos quanto os grandes cientistas buscavam, por intermédio da inteligência, primeiro traduzir as intuições em conceitos universais e depois, a partir desses conceitos, criar todo um sistema de relações abstratas e simbólicas, semelhantes às relações geométricas, que acabava distanciando-se da realidade concreta da vida. Segundo Bergson a utilização da inteligência é imprescindível para a elaboração de qualquer conhecimento, inclusive o filosófico, mas neste caso deve estar *a serviço* da intuição para auxiliá-la na representação daquilo que é por ela vislumbrado. Como já destacamos é a intuição que conduz a um alargamento do conhecimento inteligente e que permite ao pensador elaborar efetivamente uma filosofia próxima da vida. Certamente o conhecimento intuitivo não tem o mesmo tipo de exatidão que o conhecimento produzido pela inteligência, observa Bergson. Do mesmo modo, apesar de filosofia e ciência poderem ser igualmente “precisas”, ambas não têm o mesmo tipo de precisão. No entanto, segundo ele, é necessário compreender que ciência e filosofia são dois conhecimentos igualmente importantes, apesar de terem natureza diversa e objetos distintos, assim como intuição e inteligência representam duas atitudes distintas do espírito igualmente fundamentais. E tanto no primeiro quanto no segundo caso, há uma necessária complementação (BERGSON, 1991, pp.645 e 646)⁴.

⁴ Acerca desta questão é interessante nos referirmos ainda a outro texto de Bergson onde ele escreve o seguinte: “Cremos que elas (metafísica e ciência) são, ou podem tornar-se, igualmente precisas e certas. Uma e

A renovação da metafísica para Bergson pede, assim, a renovação do método filosófico. Torna-se necessário a constituição de um método que possibilite a compreensão da realidade concreta, da experiência do ser que dura, do devir e do espírito. É neste sentido que Franklin Leopoldo e Silva (1994, p.38) escreve que “a reinstauração bergsoniana da questão do método inclui o questionamento dos próprios atributos tradicionais do ser e do sentido fundamental a que nos referimos quando dizemos que uma coisa ‘é’”. E é por este motivo que há em Bergson uma “prerrogativa ontológica inclusa na reinstauração do método filosófico”. Este método deve agora se apoiar fundamentalmente na intuição tal qual ele a compreende. É a intuição, como vimos, que *ultrapassa* a inteligência para ter uma “visão direta do real”, apesar de precisar do auxílio desta para se fazer comunicar⁵. É ela que, segundo Bergson, possibilita conhecer os seres em sua realidade absoluta, a partir de suas “articulações naturais”, e não apenas traduzi-los em função de conceitos artificiais e preexistentes. Através da intuição o filósofo tem condições de tecer para cada coisa um conceito a ela apropriado – “talhado na exata medida do objeto” –, conceito este que, conforme assinala Bergson, não poderíamos nem mais considerar como conceito na acepção tradicional da palavra. É isto o que permite à filosofia construir-se sob o selo da “precisão”, “precisão” esta que “não poderia ser obtida com nenhum outro método”, uma vez que de outra forma estaria fadada à “imprecisão” da filosofia generalista que abarca num único conceito uma generalidade de objetos distintos (BERGSON, 1984, p.112 e ss). Enfim, é a intuição que coloca a consciência do homem em contato com a espiritualidade que percorre toda a realidade e que se manifesta “na duração”; este, aliás, é significado principal da intuição, do qual os outros significados são devedores (BERGSON, 1984, p.115).

outra se referem à própria realidade. Mas cada uma retém a metade do real, de modo que poderíamos ver nelas, à escolha, duas subdivisões da ciência ou dois departamentos de metafísica, se elas não marcassem duas direções divergentes da atividade do pensamento. (...) Deixemos-lhes, ao contrário, objetos diferentes, à ciência a matéria e à metafísica o espírito: como espírito e matéria se tocam, metafísica e ciência vão poder, ao longo da face comum, pôr-se mutuamente à prova, esperando que o contato se torne fecundação. Os resultados obtidos poderão se encontrar, da mesma forma que a matéria encontra o espírito” (BERGSON, 1984, pp. 124 e 125).

⁵ “A intuição, aliás, somente será comunicada através da inteligência. Ela é mais que a ideia, ela deverá todavia, para lograr transmitir-se, cavalgar algumas ideias.” (BERGSON, 1984, p.122, referido por LEOPOLDO E SILVA, 1994, p.95). É relevante lembrarmos que o que Bergson denomina aqui de “ideia” nada mais é senão o termo que a tradição filosófica reproduziu desde Platão para representar o que é o produto do pensamento racional. Neste sentido, para Bergson tal termo representa também, em geral, o produto da atividade da inteligência humana e é, portanto, sinônimo de “conceito” e fundamento da linguagem e do mundo social. Assim o que Bergson deseja deixar claro na citação referida é que na medida em que quiser comunicar sua intuição, o homem necessitará de apoiar-se na linguagem produzida pela inteligência, embora precisará criar a partir dela – como Bergson também procurará mostrar – uma significação não mais meramente instrumental.

De acordo com o que nota Bergson, a intuição não efetiva todo o seu potencial por meio de um ato único. Pelo contrário, ela tem de ser renovada para que se consiga penetrar nos diferentes “graus” do ser, que se tornam manifestos a partir de suas “articulações naturais” na duração. Cabe, assim, ao filósofo, seguir estas “articulações” por meio de intuições renovadas na experiência que o colocam em contato com durações diversas da sua e que refletem preponderantemente ou a materialidade, ou a espiritualidade. O método intuitivo dirige-se então “para baixo” – em direção a durações cada vez “mais distendidas”, cujo limite é “o puro homogêneo, a pura *repetição* pela qual definimos a materialidade” –, e “para o alto” – em direção a durações cada vez mais “contraídas”, mais “concentradas”, cujo limite seria “a eternidade viva e conseqüentemente movente”, “a concretização de toda duração, como a materialidade representa a distensão dela”. É, então, a partir da reflexão destes desdobramentos da duração que se desenvolve a verdadeira metafísica para Bergson (1984, p. 30). Ela não é, na acepção bergsoniana, uma “construção sistemática” na qual o filósofo parte de generalidades abstratas, pensadas a partir dos conceitos da linguagem, para chegar aos fatos singulares dados na experiência, fatos estes que acabam sendo compreendidos como resultados de deduções ideais que no limite são como as “deduções geométricas” responsáveis por aquilo que tradicionalmente a Filosofia denomina “rigor” (LEOPOLDO E SILVA, 1994, pp. 48 e 49). Pelo contrário, segundo Bergson, a solução dos problemas metafísicos deve ser buscada na multiplicidade da experiência concreta, e não em nenhum princípio racional generalista, nem em nenhum fato particular isolado. É necessário, para tanto, a consideração do conjunto da experiência em sua realidade dinâmica e durável. Esta experiência muitas vezes se torna acessível por meio dos dados das ciências e nos fornece o que Bergson denomina de “linhas de fatos”, as quais devem ser acompanhadas e investigadas pelo método intuitivo. É então no confronto do conhecimento proveniente do cruzamento de tais linhas de fatos com o conhecimento que tem acerca da duração de sua própria consciência – ou seja, na efetivação do que Bergson denomina de “experiência integral”⁶ – que o filósofo tem condições de aproximar-se verdadeiramente da solução dos problemas filosóficos (LEOPOLDO E SILVA, 1994, p. 49). Bergson propõe esta metafísica contra a metafísica tradicional de índole platônica que “identifica ser e saber no

⁶ Acerca da concepção bergsoniana de “experiência integral”, ver BERGSON, 1984, pp. 38 e 39.

plano do inteligível” e que define previamente o objeto antes de qualquer experiência efetiva⁷.

Bergson propõe, portanto, que o campo da intuição não é o da representação intelectual, mas o da experiência real, do devir e da duração. Neste campo, mesmo que não se possa alcançar a “verdade clara e distinta”, o método da intuição pode levar a filosofia a alcançar um conhecimento que tem uma “probabilidade” crescente de aproximar-se da verdade. Promovendo o prolongamento das “linhas de fatos” que tendem a convergir, com o intuito de solucionar os diversos problemas filosóficos, o método bergsoniano delinea-se como um “método de interseção” que, segundo Deleuze, “forma um verdadeiro probabilismo: cada linha define uma probabilidade. Mas trata-se de um probabilismo qualitativo, sendo as linhas de fato qualitativamente distintas”. Este método intuitivo pode ainda ser visto como um “empirismo superior” que não se atém apenas à experiência imediata, mas a ultrapassa em direção às suas condições, ou um “probabilismo superior”, que pode resolver concretamente os problemas, relacionando a condição ao condicionado, “de tal modo que já não exista distância alguma entre eles” (DELEUZE, 1999, p.21). O caminho que este método percorre é a própria metafísica intuitiva que Bergson procura efetivar, metafísica que não almeja promover “a indiferença à própria coisa” e não quer sacrificar a realidade dada através da experiência a um conhecimento universal, abstrato e conceitual da pura razão. Para Bergson tal conhecimento racional está longe da verdade por não ser senão um conhecimento “possível”. Neste sentido ele ressalta:

Que não se espere desta metafísica conclusões simples ou soluções radicais. Isto seria pedir-lhe que se ativesse ainda a uma manipulação de conceitos. Seria também deixá-la na região do puro possível. No terreno da experiência, ao contrário, com soluções incompletas e conclusões provisórias, ela atingirá uma probabilidade crescente que poderá equivaler finalmente à certeza (BERGSON, 1984, p.124).

Inserindo-se na duração e fundamentando-se na experiência, o método intuitivo de Bergson procura abarcar a realidade concreta em toda a sua amplitude, naquilo que nela há

⁷ Franklin Leopoldo e Silva (1994, p.50) nota que para Bergson “a teoria filosófica não é aquela que tem a possibilidade de conter fatos ou de explicar fatos por esquema *a priori*; ela é moldada pelos fatos interpretados à luz da reflexão efetuada *com* a experiência interna. O método filosófico não comporta a definição preliminar do seu objeto, pois o objeto visado na filosofia bergsoniana, a duração, não pode ser concebido nos limites do esquema conceitual. A teoria não *realiza* o objeto no plano do saber: ela tenta apreendê-lo sem pressupor uma identificação entre ser e saber no plano do inteligível”.

de espiritual e material. Para tanto, de acordo com Bergson é necessário colher o máximo de dados possíveis em relação a determinado problema a ser investigado, auxiliando-se das ciências, deixando de lado o que é preconcebido e evitando as conclusões precipitadas e demasiado gerais. A metafísica que surge daí não é, então, uma obra acabada e não se esgota na aplicação de “princípios gerais” aos mais diversos objetos, mas deve ser construída continuamente por meio do esforço e da experiência renovados na investigação de cada novo problema (BERGSON, 1984, p. 136; também p. 151).

Pensando agora nos desdobramentos dessas concepções de Bergson em suas reflexões de ordem éticas e educacionais, antes de mais nada é fundamental ressaltar que Bergson não escreve nenhuma obra específica sobre educação, mas é notório que ele participa ativamente de movimentos educativos na França, chegando a ser inclusive conselheiro superior da Educação Pública. Além disso exerce influência marcante entre importantes teóricos da educação: Claparède, Ferrière e Kerschensteiner, entre outros representantes do movimento de educação renovada, na Europa; John Dewey e William James, precursores da Escola Nova na América do Norte (TREVISAN, 1995). A preocupação com a educação está presente em alguns dos mais importantes discursos bergsonianos, aparecendo também diluída em alguns de seus principais textos. Bergson preocupa-se antes em desenvolver algumas idéias do que indicar normas e procedimentos. Por isso sua contribuição educacional coloca-se mais no plano teórico do que prático. A concepção pedagógica de Bergson mostra-se coerente com sua própria concepção filosófica em geral. Segundo ele a educação deve estimular a liberdade e a criação. Deve favorecer a plenificação do “élan vital”, estar em consonância com a própria vida. Para tanto, conforme nos aponta os estudiosos das reflexões bergsonianas sobre o ensino, a educação deve valorizar e buscar desenvolver tanto a inteligência quanto a intuição dos alunos por intermédio de todas as matérias do conhecimento humano: desde as artes, a filosofia, a história e os estudos clássicos em geral, até as diversas ciências exatas, principalmente a matemática e a geometria (TREVISAN, 1995, pp. 127 e ss.). Fica claro, assim, que a educação para Bergson não deve ser mero acúmulo de conhecimentos que se repetem

continuamente, mas, ao contrário, deve promover a renovação e a criatividade. E isto ele chega a nos falar, referindo-se às crianças, na introdução de *La Pensée et le mouvant*:

Em todas as áreas, seja das Letras, seja das Ciências, nosso ensino conservou-se demasiadamente verbal. (...) Como seremos ouvidos? De que modo seremos entendidos? Pois que, a criança é investigadora e inventora, sempre à espreita de novidade, impaciente quanto às regras, enfim, mais próxima da natureza daquilo que o homem cria. (...) Contudo, por mais enciclopédico que seja o programa, aquilo que a criança poderá assimilar de uma ciência acabada reduzir-se-á a poucas coisas e será, muitas vezes, a contragosto e esquecido logo em seguida. (...) Cultivemos antes na criança um saber infantil e evitemos de sufocá-la sob o acúmulo de ramos e folhas secas, produto de vegetações antigas; a planta nova não pede nada, senão o deixá-la crescer (BERGSON, 1991, p. 1326).

De acordo com Bergson, para que a educação não se reverta em um mero meio de transmissão de conteúdos enciclopédicos e pré-estabelecidos e possa tornar-se um instrumento de desenvolvimento da criação e da liberdade, é necessário que ela se converta em um saber dinâmico fundamentado na experiência, que além de possibilitar ao homem o conhecimento, lhe dê força e lhe aponte caminhos para que ele possa bem viver. Segundo ele, para que isto se efetive, é essencial o cultivo da faculdade da intuição de forma tão estimulante quanto o cultivo da faculdade da inteligência, sendo que o exercício da primeira é importante inclusive para determinar os limites da segunda. Trata-se com isso de despertar e desenvolver no homem o que ele denomina de “bom senso” (“le bon sens”) que é definido como “a faculdade de se orientar na vida prática, (...) um certo hábito de permanecer em contato com a vida prática, mesmo sabendo olhar mais longe”⁸. Relacionando essa faculdade à educação, Bergson nos diz que:

A Educação do bom senso não consistirá pois somente em libertar a inteligência das ideias pré-fabricadas, mas em desviá-la também das ideias demasiadamente simples, em detê-la no limiar das deduções e das generalizações, enfim em preservá-la de uma confiança demasiadamente grande em si mesma (BERGSON, 1972, pp. 360 e 361).

É com base na noção de “bom senso” que Bergson propõe o ideal de homem que quer ver ser formado, corroborando uma vez mais o que escrevemos acima sobre a sua concepção pedagógica: “queremos formar um homem de espírito aberto, capaz de se desenvolver em várias direções. Queremos que ele esteja munido de conhecimentos

⁸ Henri Bergson, carta ao reitor Octave Gréard, em *Écrits et Paroles*, I, p.83, citado por TREVISAN, op. cit., p. 141.

indispensáveis e capaz de adquirir outros, que ele aprenda a aprender”⁹. Finalmente para que reflitamos sobre a importância do conceito bergsoniano de “bom senso” em relação com o de “intuição” é essencial o que escreve Franklin Leopoldo e Silva:

Em nossa vida prática, uma certa dose de conhecimento extra-intelectual se faz presente, como o provam as antipatias e simpatias inexplicáveis que sentimos em relação a certas pessoas que mal conhecemos, ou a determinação de efetuar uma certa ação, que não vem do fato de pensarmos cuidadosamente os prós e contras, mas antes de algo que, do interior de nós mesmos, nos impele independentemente de razões e justificações. Na vida cotidiana, este equilíbrio, quando cultivado, resulta numa certa capacidade de lucidez, que se torna um hábito, com o tempo quase um instinto, e que caracteriza precisamente as pessoas, a que chamamos de ‘bom senso’. Reencontramos assim, em outro plano, o paralelismo que existe entre o bom senso e a intuição, pois o que é a intuição senão a recusa da hegemonia da frieza analítica no conhecimento do real, e o cultivo de uma certa ‘simpatia’ com este real, que aos poucos nos introduz em segredos que ficariam para sempre vedados ao procedimento analítico? (...) O cultivo do bom senso inclui uma espécie de ‘refinamento’ desta desconfiança (em relação à inteligência), a fim de fazer dela um instrumento que possa servir de suplemento da inteligência na vida cotidiana¹⁰.

Podemos perceber que foi a *descoberta* da duração e do método mais adequado para a sua apreensão, que guiou todo o desenvolvimento do pensamento de Bergson e de seu posicionamento crítico diante da tradição. Encontrando a duração e a intuição, ele constatou uma série de erros presente em algumas das principais teorias filosóficas e científicas de seu tempo e a partir daí procurou empreender novas soluções para os *velhos problemas*, principalmente como forma de protestar contra um pensamento preso a conceitos abstratos e distante da verdadeira realidade da vida¹¹. Em relação a isso, vemos que, através do seu método da intuição, Bergson conseguiu apresentar, entre outras, concepções filosóficas inovadoras acerca do eu psicológico humano e da liberdade inerente a ele; acerca da realidade da matéria, do funcionamento da memória e da relação entre a

⁹ Henri Bergson, discurso dirigido à Academia de Ciências Morais e Políticas, em *Écrits et Paroles*, I, conclusão, citado por TREVISAN, op. cit., p. 141.

¹⁰ Franklin Leopoldo e Silva. *Reflexão e existência*. Revista Discurso Ano 4, nº 4, p.139-142.

¹¹ Numa entrevista a Jean de la Harpe, incitado a refletir sobre sua própria filosofia, Bergson assim se exprime: “compreenda-me bem: ‘a duração’ foi na minha filosofia a resultante, a porta de saída por onde eu escapei das incertezas do verbalismo (...) Meus livros foram sempre a expressão de um descontentamento, de um protesto. Eu poderia escrever muitos outros, mas eu não escreveria senão para protestar contra o que me pareceria falso. (...) Parto da ‘duração’ e procuro esclarecer esse problema, seja por contraste, seja por semelhança com ele” (*Bergson - Essai et témoignages*, recolhidos por Albert BÉGUIN e Pierre THÉVENAZ, in *Les cahiers du Rhône*, Neuchâtel, Ed. de la Baconnière, 1943, pp. 359 e 360; citado por PHILONENKO, 1994, pp. 12 e 13).

matéria e o espírito; acerca da vida e de sua evolução na natureza; acerca da moralidade humana e da possibilidade de aprimoramento moral e religioso; acerca da natureza e de Deus; acerca da destinação da educação e dos meios necessários para uma de formação pedagógica mais rica e ao mesmo tempo mais próxima da vida. Como podemos constatar, todas essas concepções bergsonianas entraram em consonância com muitas das teorias que foram responsáveis por avançar a ciência e por delinear uma nova compreensão da realidade a partir do século XIX. Bergson se apoiou em determinados dados das principais correntes científicas de sua época e também, por certo, forneceu, através de suas conclusões, importantes contribuições para a reflexão de alguns dos temas de estudo mais caros à ciência contemporânea. Ao mesmo tempo, essas concepções inovadoras de Bergson, paralelamente às contribuições que apresentaram ao campo da ciência, auxiliaram sobremaneira no avanço do conhecimento propriamente filosófico desde sua época. São reconhecidas as influências de Bergson deixadas à filosofia da consciência, à metafísica, à teoria do conhecimento, à filosofia da natureza, à ética, à filosofia da educação, à história da filosofia, entre outros ramos de estudo da filosofia.

Procurando acompanhar ao longo de toda a obra de Bergson, o desenvolvimento de sua concepção de intuição, vemos que, de fato, através dela, Bergson nos fornece as características de um método não só fundamental para que a ciência e a filosofia possam renovar seus conhecimentos teóricos acerca da realidade concreta, mas também para que o homem em particular possa conduzir melhor sua vida e o seu convívio em sociedade. Especialmente em relação a esse último aspecto, a abordagem da teoria ética de Bergson e de sua concepção de bom senso pode nos mostrar isso. Na verdade, talvez pudéssemos considerar, inclusive, que a teoria bergsoniana do bom senso apresenta-se como um complemento fundamental de sua teoria do método, permitindo ainda mais a concretização do objetivo essencial de Bergson que é o de aproximar sua filosofia da vida, conforme ele deixa claro em *A intuição filosófica*. Por tudo isto a filosofia de Bergson está aberta a estudos renovados que podem contribuir bastante para a discussão de problemas importantes do nosso tempo¹². Esperamos que estes estudos continuem sendo feitos.

¹² Bento Prado Júnior, num artigo publicado na [Folha de São Paulo](#) e intitulado *A filosofia seminal de Bergson*, procura defender exatamente isso. No artigo, Bento Prado apresenta uma série de argumentos procurando defender que “o pensamento do intelectual francês (Bergson) antecipou e pode revitalizar o atual debate filosófico”. Entre outras coisas, ele afirma que “o pensamento contemporâneo, percorrendo linhas diferentes, encontrou em seu limite último algumas das ideias fundamentais de Bergson”.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. Oeuvres. 5^e édition. Édition du Centenaire. Paris: P.U.F., 1991.
- BERGSON, Henri. Mélanges. Édition du Centenaire. Paris: P.U.F., 1972.
- BARTHÉLEMY- MADANTE, Madeleine. Bergson. Paris : Seuil, 1967.
- DELEUZE, Gilles. Bergsonismo. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção TRANS). (Incluindo dois apêndices: A concepção de diferença em Bergson e Bergson).
- DESCARTES, René. Obras. São Paulo: Abril, 1973. Coleção Os Pensadores.
- _____. Discours de la Méthode (avec introduction et notes par Etienne Gilson). Paris: Vrin, 1954.
- JANKÉLEVITCH, Vladimir. Henri Bergson. Paris : P.U.F, 1959.
- JÚNIOR, Bento Prado. A filosofia seminal de Bergson. Artigo publicado na “Folha de São Paulo” – Caderno “Mais!”, 29 de agosto de 1999.
- _____. Presença e Campo Transcendental – Consciência e Negatividade na Filosofia de Bergson. São Paulo : Edusp, 1989.
- LANDIM, Maria Luiza P. F. Ética fechada e ética aberta segundo Bergson. In: HÜHNE, Leda M. (Org). Ética. Rio de Janeiro : UAPÊ, 1997.
- KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. São Paulo : Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.
- LEOPOLDO e SILVA, Franklin. Reflexão e Existência. **Discurso** (Revista do Dep. de Filosofia da USP), São Paulo, Ano IV, nº 4, sem data.
- _____. Bergson – intuição e discurso filosófico. São Paulo: Loyola, 1994.
- PHILONENKO, Alexis. Bergson ou de la philosophie comme science rigoureuse. Passages. Paris : Cerf, 1994.
- SANTOS PINTO, Tarcísio J. Bergson e a nova compreensão da evolução da vida diante do evolucionismo mecanicista de Spencer. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pós Graduação em Filosofia, UFRJ/IFCS, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. O método da intuição em Bergson e a sua dimensão ética e pedagógica. São Paulo: Loyola, 2010.
- TEIXEIRA, Lívio. Bergson e a História da Filosofia. In: Cadernos Espinosanos. Número 10. São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, 2003.
- TREVISAN, Rubens Muríllio. Bergson e a Educação. Piracicaba : Editora Unimep, 1995.
- WORMS, Frederic. A concepção bergsoniana do tempo. In: Dois Pontos. Volume 1, número 1 (Temporalidade na Filosofia Contemporânea). Curitiba: Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, 2004.